

ΑΡΙΣΤΟΤΕΛΗΣ  
Ἠθικὰ Νικομάχεια

Edição Bywater<sup>1</sup>

Βιβλίον Β

Α

[1103a] διττῆς δὴ τῆς ἀρετῆς οὐσίας, τῆς μὲν διανοητικῆς τῆς [15] δὲ ἠθικῆς, ἡ μὲν διανοητικὴ τὸ πλεῖον ἐκ διδασκαλίας ἔχει καὶ τὴν γένεσιν καὶ τὴν αὐξησιν, διόπερ ἐμπειρίας δεῖται καὶ χρόνου, ἡ δ' ἠθικὴ ἐξ ἔθους περιγίνεται, ὅθεν καὶ τοῦνομα ἔσχηκε μικρὸν παρεκκλίνον ἀπὸ τοῦ ἔθους.

ἐξ οὗ καὶ δῆλον ὅτι οὐδεμία τῶν ἠθικῶν ἀρετῶν φύσει ἡμῖν ἐγγίνεται· οὐθὲν [20] γὰρ τῶν φύσει ὄντων ἄλλως ἐθίζεται, οἷον ὁ λίθος φύσει κάτω φερόμενος οὐκ ἂν ἐθισθεῖη ἄνω φέρεσθαι, οὐδ' ἂν μυριάκις αὐτὸν ἐθίξῃ τις ἄνω ριπτῶν, οὐδὲ τὸ πῦρ κάτω, οὐδ' ἄλλο οὐδὲν τῶν ἄλλως πεφυκότων ἄλλως ἂν ἐθισθεῖη. οὗτ' ἄρα φύσει οὔτε παρὰ φύσιν ἐγγίνονται αἱ ἀρεταί, ἀλλὰ [25] πεφυκόσι μὲν ἡμῖν δέξασθαι αὐτάς, τελειουμένοις δὲ διὰ τοῦ ἔθους.

ARISTOTELES

ETHICA NICOMACHEA

Editio Leonina<sup>2</sup>

LIBER II<sup>3</sup>

Caput I

[1103a] Duplici autem virtute existente, hac quidem intellectuali, hac autem [15] morali, ea quidem quae intellectualis plurimum ex doctrina habet et generationem et augmentum. Ideo experimento indiget et tempore. Moralis vero ex more fit, unde et nomen habuit parum declinans a more.

Ex quo et manifestum quoniam neque una moralium virtutum natura nobis insit. Nullum [20] enim natura existentium aliter assuescit, puta lapis natura deorsum latus non utique assuescet sursum ferri, neque si decies millies assuescat quis eum sursum iaciens, neque ignis deorsum, neque aliud aliquod eorum quae aliter innata sunt, aliter utique assuescet. Neque igitur natura neque praeter naturam insunt virtutes, sed [25] innatis quidem nobis suscipere eas, perfectis autem per assuetudinem.

ARISTÓTELES

ÉTICA A NICÓMACO

Edição Faitanin e Veiga

LIVRO 2

Capítulo 1

[1103a] Mas existem dois tipos de virtude, uma, pois, que é intelectual, mas outra [15] que é moral. A virtude que é intelectual tem sua origem e crescimento, quase sempre, a partir da instrução. Por isso, necessita de experiência e de tempo. Mas a virtude moral é derivada do hábito. Daí, por uma ligeira variação do termo original, temos este nome moral<sup>4</sup>.

Disto fica manifesto porque nenhuma das virtudes morais são geradas em nós por natureza. Nenhum [20], pois, dos seres que existem por natureza, habitua-se a outro modo de ser, como a pedra, que por natureza se move para baixo, não pode ser habituada a mover-se para cima, nem mesmo se alguém se habituar jogando-a dez mil vezes para cima; nem o fogo a descender, nem outras coisas como estas, que são de um modo por natureza, a serem habituadas a serem de outro modo. Portanto, as virtudes, nem por natureza, nem contra a natureza, são geradas em nós, mas [25] o que é, pois, natural em nós pode recebê-las, mas as aperfeiçoam pelo hábito.

<sup>1</sup> ARISTOTELIS, *Ethica Nicomachea*. Recognovit brevique adnotatione critica instruxit. I. Bywater. Oxonii: E Typographeo Clarendoniano, 1894. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0053>

<sup>2</sup> SANCTI THOMAE DE AQUINO, *Sententia libri Ethicorum*. Libri I-III. [Opera omnia iussu Leonis XIII P. M. edita ..., t. 47/1: Praefatio]. Romae: Ad Sanctae Sabinae, 1969. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k9498r.r=.langEN.swf>

<sup>3</sup> Utilizamos a numeração de Bekker para identificar o texto de Aristóteles. Quando apenas aparecer a numeração, sem referência a uma obra, será relativa à *Ética a Nicómaco*. O livro 1 é referente à 1094a1-1103a10. Sobre o bem humano, a felicidade, fim e sumo bem do homem, as partes da alma e a divisão das virtudes.

<sup>4</sup> Em vernáculo não é tão fácil explicar como moral deriva de costume, como o é em grego e latim, por causa não somente da etimologia, mas também da semântica dos termos em questão. Aristóteles diz que a palavra ἠθικός [ethikós], que significa 'conforme aos costumes', cujo correspondente latino é *moralis*, deriva de ἔθος [éthos] que significa 'costume, hábito', cujo correspondente latino é *mos*. Por isso, Aristóteles traz este jogo de termos: ἡ δ' ἠθικὴ ἐξ ἔθους περιγίνεται. Assim, também entende Tomás a explicação do Estagirita ao dizer, guardadas as regras de transliteração das letras gregas no medievo, como ver-se-á mais abaixo: "É por isso que o nome *virtude moral* se toma do hábito, com pouca mudança. De fato, em grego *éthos* escrito com e breve [e] significa o caráter ou a virtude moral, "ythos", porém, escrito com u grego, que é como o e longo [η] significa o costume".

ἔτι ὅσα μὲν φύσει ἡμῖν παραγίνεται, τὰς δυνάμεις τούτων πρότερον κομιζόμεθα, ὕστερον δὲ τὰς ἐνεργείας ἀποδίδομεν (ὅπερ ἐπὶ τῶν αἰσθήσεων δῆλον· οὐ γὰρ ἐκ τοῦ πολλάκις ἰδεῖν ἢ πολλάκις ἀκοῦσαι τὰς αἰσθήσεις ἐλάβομεν, [30] ἀλλ' ἀνάπαλιν ἔχοντες ἐχρησάμεθα, οὐ χρησάμενοι ἔσχομεν·) τὰς δ' ἀρετὰς λαμβάνομεν ἐνεργήσαντες πρότερον, ὥσπερ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων τεχνῶν· ἃ γὰρ δεῖ μαθόντας ποιεῖν, ταῦτα ποιοῦντες μαθάνομεν, οἷον οἰκοδομοῦντες οἰκοδόμοι γίνονται καὶ καθαρίζοντες καθαρισταί· οὕτω δὴ καὶ τὰ [1103b] [1] μὲν δίκαια πράττοντες δίκαιοι γινόμεθα, τὰ δὲ σώφρονα σώφρονες, τὰ δ' ἀνδρεῖα ἀνδρεῖοι.

μαρτυρεῖ δὲ καὶ τὸ γινόμενον ἐν ταῖς πόλεσιν· οἱ γὰρ νομοθέται τοὺς πολίτας ἐθίζοντες ποιοῦσιν ἀγαθοὺς, καὶ τὸ μὲν βούλημα παντός [5] νομοθέτου τοῦτ' ἐστίν, ὅσοι δὲ μὴ εὖ αὐτὸ ποιοῦσιν ἀμαρτάνουσιν, καὶ διαφέρει τούτῳ πολιτεία πολιτείας ἀγαθῆ φαύλης.

ἔτι ἐκ τῶν αὐτῶν καὶ διὰ τῶν αὐτῶν καὶ γίνεται πᾶσα ἀρετὴ καὶ φθείρεται, ὁμοίως δὲ καὶ τέχνη· ἐκ γὰρ τοῦ καθαρίζειν καὶ οἱ ἀγαθοὶ καὶ κακοὶ γίνονται καθαρισταί· ἀνάλογον [10] δὲ καὶ οἰκοδόμοι καὶ οἱ λοιποὶ πάντες· ἐκ μὲν γὰρ τοῦ εὖ οἰκοδομεῖν ἀγαθοὶ οἰκοδόμοι ἔσσονται, ἐκ δὲ τοῦ κακῶς κακοί· εἰ γὰρ μὴ οὕτως εἶχεν, οὐδὲν ἂν ἔδει τοῦ διδάξοντος, ἀλλὰ πάντες ἂν ἐγίνοντο ἀγαθοὶ ἢ κακοί· οὕτω δὴ καὶ ἐπὶ τῶν ἀρετῶν ἔχει· πράττοντες γὰρ τὰ ἐν τοῖς συναλλάγμασι [15] τοῖς πρὸς τοὺς ἀνθρώπους γινόμεθα οἱ μὲν δίκαιοι οἱ δὲ ἄδικοι, πράττοντες δὲ τὰ ἐν τοῖς δεινοῖς καὶ ἐθιζόμενοι φοβεῖσθαι ἢ

Adhuc quaecumque natura quidem nobis adveniunt, potentias horum prius ferimus, posterius autem operationes horum reddimus. (Quod in sensibus manifestum; non enim ex multotiens videre aut ex multotiens audire sensus accepimus, [30] sed e converso habentes uti sumus, non utentes habuimus). Virtutes autem accepimus operantes prius quemadmodum et in aliis artibus; quae enim oportet discentes facere, haec facientes discimus, puta aedificantes aedificatores fiunt et citharizantes citharistae; sic autem et [1103b] [1] iusta quidem operantes iusti efficitur, temperata autem temperati, fortia vero fortes.

Testatur autem et quod fit in civitatibus. Legislatores enim cives assuefacientes faciunt bonos, et voluntas quidem cuiuslibet legislatoris [5] haec est, quicumque vero hoc non bene faciunt, peccant, et differt horum civilitas a civilitate ut bona a mala.

Adhuc ex eisdem et per eadem et fit omnis virtus et corrumpitur. Similiter autem et ars. Ex citharizare enim et boni et mali fiunt citharistae, proportionaliter [1103b] [10] autem. Et aedificatores et reliqui omnes; ex bene quidem enim aedificare boni erunt aedificatores, ex male autem mali. Si enim non sic haberet, nihil utique opus esset docente, sed omnes utique fierent boni vel mali. Sic utique et in virtutibus habet; operantes enim quae in commutationibus [15] quae sunt ad homines efficitur hi quidem iusti, hi autem iniusti; operantes autem quae in periculis et

Ademais, qualquer coisa que nos vem, pois, por natureza, primeiro recebemos as potências, mas, depois, praticamos as operações delas. (O que é manifesto nos sentidos, pois não foi por ver muitas vezes ou por ouvir muitas vezes que adquirimos os sentidos, [30] mas ao contrário, por tê-los, usamos, não os temos por usá-los). Mas adquirimos as virtudes primeiro por praticá-las, como também ocorre nas outras artes. De fato, a arte é preciso aprender para fazer, a virtude, aprendemos fazendo, por exemplo, os construtores construindo, os citaristas tocando cítara. Mas, assim, também, [1103b] [1] na verdade, se tornam justos praticando atos justos, temperantes, atos de temperança, corajosos, atos de coragem.

Confirma-se, porém, com o que ocorre nas cidades. Pois os legisladores formam cidadãos fazendo-lhes adquirir bons hábitos, pois a vontade de qualquer legislador [5] é esta, mas qualquer um que não faz bem isto falha, e diferirá entre eles o bom governo do mau governo.

Ademais, da mesma e pela mesma causa se gera e se corrompe toda virtude. De modo semelhante, também, à arte. Pois, por tocar cítara se formam bons e maus citaristas, analogamente [1103b] [10] porém. E, também, o mesmo, para os construtores e para todas as artes. Pois, por construir bem, serão bons construtores, por construir mal, serão maus construtores. Se, pois, não fosse assim, certamente não teria a necessidade de mestre, mas todos certamente nasceriam bons ou maus. Assim, certamente, também ocorre nas virtudes, pois as

θαρρεῖν οἱ μὲν ἀνδρεῖοι οἱ δὲ  
δειλοί. ὁμοίως δὲ καὶ τὰ περὶ τὰς  
ἐπιθυμίας ἔχει καὶ τὰ περὶ τὰς  
ὀργάς· οἱ μὲν γὰρ σώφρονες καὶ  
πρᾶοι γίνονται, οἱ δ' ἀκόλαστοι  
καὶ [20] ὀργίλοι, οἱ μὲν ἐκ τοῦ  
οὕτως ἐν αὐτοῖς  
ἀναστρέφονται, οἱ δὲ ἐκ τοῦ  
οὕτως. καὶ ἐνὶ δὴ λόγῳ ἐκ τῶν  
ὁμοίων ἐνεργειῶν αἱ ἔξεις  
γίνονται.

assueti timere vel confidere,  
hi quidem fortes, hi autem  
timidi; similiter autem et  
quae circa concupiscentias  
habent et iras, hi quidem  
enim temperati et mites  
fiunt, hi autem intemperati  
et [20] iracundi, hi quidem  
ex sic in eis conversari, hi  
autem ex sic, et omnino et  
uno utique sermone ex  
similibus operationibus  
habitus fiunt.

virtudes práticas nas relações  
[15] que são referentes aos  
homens, tornamo-nos justos  
ou injustos. Mas, nas ações  
de perigo, habitua-se temer  
ou confiar, uns pois  
encorajam-se, mas outros  
acovardam-se. Mas o mesmo  
também se tem em relação às  
concupiscências e à ira, pois  
uns se tornam temperantes e  
mansos, mas outros  
intemperantes e [20]  
irascíveis, uns, pois, por se  
voltarem assim para estas  
ações, outros, porém, de  
outro modo. E, certamente,  
numa única palavra, os  
hábitos são gerados por ações  
semelhantes.

διὸ δεῖ τὰς ἐνεργείας ποιᾶς  
ἀποδιδόναι· κατὰ γὰρ τὰς  
τούτων διαφορὰς ἀκολουθοῦσιν  
αἱ ἔξεις. οὐ μικρὸν οὖν διαφέρει  
τὸ οὕτως ἢ οὕτως εὐθύς ἐκ νέων  
ἐθίζεσθαι, [25] ἀλλὰ πάμπαν,  
μᾶλλον δὲ τὸ πᾶν.

Propter quod oportet  
operationes quales reddere,  
secundum harum enim  
differentias sequuntur  
habitus. Non parum igitur  
differt sic vel ex iuvene  
confestim assuesci, [25] sed  
multum, magis autem omne.

Razão pela qual é preciso  
praticar certas ações, pois de  
acordo com as suas  
diferenças, se seguem os  
hábitos. Portanto, não difere  
pouco, se de um modo ou de  
outro, for habituado desde a  
juventude, [25] mas difere  
muito, ou melhor,  
totalmente.

**CORPUS THOMISTICUM****<http://www.corpusthomisticum.org/cpy012.html>**

Textum Leoninum Romae 1969 editum  
ac automato translatum a Roberto Busa SJ in  
taenias magneticas  
denuo recognovit Enrique Alarcón atque  
instruxit

SANCTI THOMAE DE AQUINO

SENTENTIA LIBRI ETHICORUM

## LIBER II

De virtute in genere, ac eius essentia. Quonam  
pacto mediocritates inter extrema disponantur,  
vitiaque ac virtutes opponantur, quibusque  
praeceptis ducamur ad medium.

## LECTIO 1

Virtus moralis fit ex consuetudine in  
hominibus, non a natura: cuius signum esse  
videtur, quia homines virtuosus evadunt ex  
frequentatis actibus virtutis ab eis operatis, in  
quibus minime esset homini assuescendum si  
virtus nobis inesset  
natura.

1–Duplici autem virtute existente et cetera. Postquam philosophus determinavit ea quae sunt praeambula ad virtutem, hic incipit de virtutibus determinare. Et dividitur in partes duas. In prima determinat de ipsis virtutibus. In secunda de quibusdam, quae consequuntur ad virtutes vel concomitantur eas, in septimo libro, ibi: ‘post haec autem dicendum aliud facientes principium’ et cetera. Prima autem pars dividitur in partes duas: in prima determinat de virtutibus moralibus. In secunda de intellectualibus, in sexto libro, ibi: ‘quia autem existimus prius dicentes’ et cetera. Et ratio ordinis est, quia virtutes morales sunt magis notae, et per eas disponimur ad intellectuales. Prima autem pars dividitur in partes duas: in prima determinat ea quae pertinent ad virtutes morales in communi. In secunda determinat de virtutibus moralibus in speciali. Et hoc, ibi: ‘quoniam quidem igitur medietas est’ et cetera. Prima autem pars dividitur in duas: in prima determinat de virtute morali in communi. In secunda determinat de quibusdam principiis moralium actuum, in tertio libro, ibi: ‘virtute itaque et circa passiones’ et cetera. Prima autem pars dividitur in partes tres. In prima inquirat de causa virtutis moralis. In secunda inquirat quid sit virtus moralis, ibi: ‘post haec autem quid est

**AQUINATE****<http://www.aquinate.net/traduções.html>**

Texto Leonino editado em 1969 em Roma e  
transferido automaticamente por Roberto Busa  
SJ para fitas magnéticas e de novo revisto e  
ordenado por Enrique  
Alarcón.

SANTO TOMÁS DE AQUINO

SENTENÇAS SOBRE OS LIVROS DA ÉTICA

## LIVRO 2

Da virtude no gênero, e sua essência. Onde são  
dispostos o acordo do meio-termo entre os  
extremos, e os vícios se opõem às virtudes,  
cujas prescrições são conduzidos para o meio.

LIÇÃO 1<sup>5</sup>

A virtude moral se faz pelo costume nos  
homens, não por natureza, cujo exemplo  
parece ser que os homens virtuosos realizam,  
com frequência, ações virtuosas praticadas  
por eles, às quais no mínimo o homem estaria  
habitado se a virtude existisse em nós por  
natureza.

1–‘Mas existem dois tipos de virtude’ etc. Depois que o Filósofo determinou as condições para a virtude, aqui começa a determinar as virtudes. E divide esse estudo em duas partes. Na primeira, determina as próprias virtudes. Na segunda, aquelas coisas que se seguem à virtude ou são concomitantes a ela, no sétimo livro<sup>6</sup>, quando diz: ‘Mas, desde o princípio foi dito que devemos escolher’ etc. No entanto, a primeira parte se divide em duas partes: na primeira, considera as virtudes morais; na segunda, as intelectuais, no sexto livro<sup>7</sup>, quando diz: ‘mas, antes que diga que existam’ etc. E a razão desta ordem é porque as virtudes morais são mais conhecidas e, por elas, nos dispomos às intelectuais. Contudo, a primeira parte se divide em duas partes: na primeira, determina quais pertencem às virtudes morais em comum. Na segunda, determina as virtudes morais em especial e isso, quando diz: ‘De fato, porque é, então, um meio-termo’ etc. A primeira parte, porém divide-se em duas: na primeira, determina as virtudes morais em comum. Na segunda, determina certos princípios dos atos morais, no terceiro livro<sup>8</sup>, quando diz: ‘E porque a virtude se refere às paixões’ etc. No entanto, a primeira parte se divide em três partes. Na primeira, investiga a

<sup>5</sup> 1103a14-b25. A virtude moral que se gera em nós pelo costume, não por natureza.

<sup>6</sup> ARISTÓTELES, *Ethica Nicomachea*, VII, 1, 1145 a 15 ss.

<sup>7</sup> ARISTÓTELES, *Ethica Nicomachea*, VI, 1, 1138 b 15 ss.

<sup>8</sup> ARISTÓTELES, *Ethica Nicomachea*, III, 1, 1109 b 30 ss.

virtus' et cetera. In tertia parte ostendit quomodo aliquis possit fieri virtuosus, ibi: 'quoniam quidem igitur est virtus moralis' et cetera. Circa primum tria facit. Primo ostendit quod virtus moralis causatur in nobis ex operibus; secundo ostendit ex qualibus operibus causetur in nobis, ibi: 'quoniam igitur praesens negotium' et cetera. In tertia parte movet quamdam dubitationem circa praedicta, ibi, quaeret autem utique aliquis et cetera. Circa primum duo facit. Primo ostendit quae sit causa generationis virtutis. Secundo quae sit causa corruptionis ipsius, ibi: 'adhuc ex eisdem' et cetera. Circa primum tria facit. Primo proponit quod virtus moralis sit in nobis ex consuetudine operum. Secundo ostendit quod non est in nobis a natura, ibi: 'ex quo et manifestum' et cetera. Tertio manifestat quod dixerat, per signum, ibi: 'testatur autem et quod fit' et cetera.

2.–Dicit ergo primo quod, cum duplex sit virtus, scilicet intellectualis et moralis, intellectualis virtus secundum plurimum et generatur et augetur ex doctrina. Cuius ratio est, quia virtus intellectualis ordinatur ad cognitionem, quae quidem acquiritur nobis magis ex doctrina quam ex inventionem. Plures enim sunt, qui possunt cognoscere veritatem ab aliis addiscendo quam per se inveniando. Plura etiam unusquisque inveniens ab alio didicit quam per seipsum inveniatur. Sed quia in addiscendo non proceditur in infinitum, oportet quod multa cognoscant homines inveniando. Et quia omnis cognitio nostra ortum habet a sensu et ex multotiens sentire aliquid fit experimentum. Ideo consequens est quod intellectualis virtus indigeat experimento longi temporis.

3.–Sed moralis virtus fit *ex more*, idest ex consuetudine. Virtus enim moralis est in parte appetitiva. Unde importat quamdam inclinationem in aliquid appetibile. Quae quidem inclinatio vel est a natura quae inclinatur in id quod est sibi conveniens, vel est ex consuetudine quae vertitur in naturam. Et inde est quod nomen *virtutis moralis* sumitur a consuetudine, parum inde declinans. Nam in Graeco *ethos* per e breve scriptum significat morem sive moralem virtutem, *ythos* autem scripta per y Graecum quod est quasi e longum significat consuetudinem. Sicut etiam apud nos nomen *moris* quandoque significat consuetudinem, quandoque autem id quod

causa da virtude moral. Na segunda, investiga o que é a virtude moral, quando diz: 'Mas depois disso vamos investigar o que é a virtude' etc. Na terceira parte, mostra de que modo alguém pode se tornar virtuoso, quando diz: 'Porque já tratamos da virtude moral' etc. Acerca da primeira, faz três afirmações. Primeira, mostra que a virtude moral é causada em nós pelas operações. Segunda, mostra a partir de quais operações a virtude é causada em nós, quando diz: 'Dado que o presente estudo' etc. Na terceira parte, apresenta certa dúvida acerca do dito. Acerca do primeiro, faz duas afirmações. Primeira, mostra qual é a causa da geração da virtude. Segunda, qual é a causa da corrupção dela, quando diz: 'Ademais, da mesma' etc. Acerca do primeiro, faz três afirmações. Primeira, propõe que a virtude moral está em nós a partir do hábito de operar. Segunda, mostra que não existe em nós por natureza, quando diz: 'Disto fica manifesto' etc. Terceira, manifesta o que dissera, por um exemplo, quando diz: 'Confirma-se, porém, com o que ocorre nas cidades' etc.

2.–Diz, então, primeiro, que há dois tipos de virtude, a saber, a intelectual e a moral, e que a virtude intelectual é gerada e aumentada, em maior medida, segundo o ensinamento. A razão disso é que a virtude intelectual se ordena ao conhecimento, que, de fato, adquirimos mais pelo ensinamento do que por descobrimento. Com efeito, há muitos que podem conhecer a verdade aprendendo-a de outros, do que por descoberta própria. Muitas coisas também são descobertas, porque foram aprendidas de outro, mais do que por descoberta própria. Mas, porque não se aprende ao infinito, é necessário que os homens conheçam muitas coisas descobrindo-as. E, isso, porque todo nosso conhecimento tem sua origem no sentido e, ao sentir algo, muitas vezes, se produz a experiência. Por isso, segue-se que a virtude intelectual requer a experiência por um longo tempo.

3.–Mas, a virtude moral se produz *pelo hábito*, isto é, pelo costume. Com efeito, a virtude moral está na parte apetitiva. Por isso, implica certa inclinação a algo apetecível. De fato, esta inclinação é pela natureza que inclina ao que lhe é conveniente, ou é pelo costume que se volta até a natureza. E é por isso que o nome *virtude moral* se toma do hábito, com pouca mudança. De fato, em grego *éthos* escrito com e breve [e] significa o caráter ou a virtude moral, "ythos", porém, escrito com v grego, que é como o e longo [η] significa o costume. Como também, entre nós, a palavra *moral*, às vezes, significa o costume, outras vezes, porém, aquilo que pertence ao

pertinet ad vitium vel virtutem.

4.–Deinde cum dicit: ‘ex quo et manifestum’ etc., probat ex praemissis, quod virtus moralis non sit a natura, per duas rationes. Quarum prima talis est. Nihil eorum quae sunt a natura variatur propter assuetudinem; et hoc manifestat per exemplum: quia cum lapis naturaliter feratur deorsum, quantumcumque proiciatur sursum, nullo modo assuescet sursum moveri, et eadem ratio est de igne et de quolibet eorum quae naturaliter moventur. Et huius ratio est quia ea quae naturaliter agunt, aut agunt tantum aut agunt et patiuntur. Si agunt tantum, ex hoc non immutabitur in eis principium actionis et ideo, manente eadem causa, semper remanet inclinatio ad eundem effectum. Si autem sic agant quod etiam patiantur, nisi sit talis passio quae removeat principium actionis, non tolletur inclinatio naturalis quae inerat. Si vero sit talis passio quae auferat principium actionis, iam non erit eiusdem naturae. Et sic non erit sibi naturale quod fuerat prius. Et ideo per hoc quod naturaliter aliquid agit, non immutatur circa suam actionem. Et similiter etiam si moveatur contra naturam; nisi forte sit talis motio quae naturam corrumpat; si vero naturale principium actionis maneat, semper erit eadem actio; et ideo neque in his quae sunt secundum naturam neque in his quae sunt contra naturam consuetudo aliquid facit. In his autem quae pertinent ad virtutes consuetudo aliquid facit.

5.–Cuius ratio est, quia virtus moralis pertinet ad appetitum, qui operatur secundum quod movetur a bono apprehenso. Et ideo simul cum hoc quod multoties operatur oportet quod multoties moveatur a suo objecto. Et ex hoc consequitur quamdam inclinationem ad modum naturae, sicut etiam multae guttae cadentes lapidem cavant. Sic igitur patet quod virtutes morales neque sunt in nobis a natura neque sunt nobis contra naturam. Sed inest nobis naturalis aptitudo ad suscipiendum eas, in quantum scilicet vis appetitiva in nobis nata est obedire rationi. Perficiuntur autem in nobis per assuetudinem, in quantum scilicet ex eo quod multoties agimus secundum rationem, imprimitur forma rationis in vi appetitiva, quae quidem impressio nihil aliud est quam virtus moralis.

6.–Secundum rationem ponit ibi: ‘adhuc quaecumque natura quidem’ et cetera. Quae talis est. In omnibus illis, quae nobis insunt ex natura, prius inest nobis potentia quam operatio. Et hoc patet in sensibus. Non enim ex

vício ou à virtude.

4.–Depois, quando diz: ‘Disto fica manifesto’ etc., prova, então, pelo dito, que a virtude moral não é por natureza, por duas razões. Das quais, a primeira, é que nenhuma das coisas que são por natureza varia pelo costume, e isso se evidencia pelo exemplo: porque como a pedra é naturalmente levada para baixo, por mais que muitas vezes seja jogada pra cima, de nenhum modo se acostumará a ser movida para cima, e a mesma razão em relação ao fogo e a todas as coisas que são movidas naturalmente. E a razão se dá porque as coisas que atuam naturalmente só atuam ou atuam e padecem. Se só atuam, por isso não se altera nelas o princípio de ação e, por isso, mantendo a mesma causa, sempre permanece a inclinação para o mesmo efeito. No entanto, se atuam assim e, também, padecem, se não há uma alteração que remova o princípio da ação, não desaparece a inclinação natural inerente. Se, porém, fosse tal a alteração que removesse o princípio da ação, já não será a mesma natureza. E, assim, não será natural o que fora antes. E, por isso, algo naturalmente atua, sem se alterar acerca da sua ação. E, de modo semelhante, também se move contra a natureza, a não ser talvez que seja uma moção tal que corrompa a natureza. Se, de fato, o princípio natural da ação permanece, sempre será a mesma ação. E, portanto, o hábito não faz algo nem nas coisas que são segundo a natureza, nem naquelas que são contra a natureza. Contudo, nessas coisas que pertencem às virtudes o hábito faz algo.

5.–A razão é que a virtude moral pertence ao apetite, que opera segundo o que se move pelo bem apreendido. E, por isso, ao mesmo tempo em que muitas vezes opera, é necessário que, muitas vezes, seja movido por seu objeto. E disto se segue certa inclinação ao modo da natureza, como também muitas gotas que caem perfuram a pedra. Portanto, assim é claro que as virtudes morais não estão em nós por natureza, nem estão em nós contra a natureza. Mas temos em nós uma aptidão natural para adquiri-las, enquanto, a saber, a potência apetitiva em nós é naturalmente apta para obedecer a razão. No entanto, são aperfeiçoadas em nós pelo hábito, enquanto, a saber, se agimos muitas vezes segundo a razão, se imprime a forma da razão na potência apetitiva. Essa impressão, de fato, não é outra coisa do que a virtude moral.

6.–A segunda razão expõe quando diz: ‘Ademais, qualquer coisa que nos vem, pois, por natureza’ etc., que em tudo o que há em nós por natureza, a potência existe antes do que a operação. E isso é claro pelos sentidos.

hoc, quod multoties vidimus vel audivimus, accepimus sensum visus et auditus. Sed e converso ex hoc, quod habuimus hos sensus, uti eis coepimus, non autem ex hoc quod eis usi sumus factum est, ut eos haberemus. Sed operando secundum virtutem accepimus virtutes, sicut etiam contingit in artibus operativis, in quibus homines faciendo addiscunt ea quae oportet eos facere postquam didicerint, sicut aedificando fiunt aedificatores et cytharizans cytharistae. Et similiter operando iusta, aut temperata, aut fortia, fiunt homines iusti, aut temperati, aut fortes. Ergo huiusmodi virtutes non sunt in nobis a natura.

7.–Deinde cum dicit: ‘testatur autem’ etc., manifestat quod dixerat, per signum. Et dicit quod ei quod dictum est, quod operando efficitur virtuosi, attestatur hoc quod fit in civitatibus; quia legislatores assuefaciendo homines per praecepta, praemia et poenas ad opera virtutum, faciunt eos virtuosos. Et ad hoc debet fieri intentio cuiuslibet legislatoris, qui vero hoc non bene faciunt, peccant in legislatione. Et horum civilitas differt a recta civilitate secundum differentiam boni et mali.

8.–Deinde cum dicit: ‘adhuc ex eisdem’ etc., ostendit quod ex operibus corrumpitur virtus. Et primo ostendit propositum. Secundo infert quoddam corollarium ex dictis, ibi: ‘propter quod oportet’ et cetera. Dicit ergo primo, quod eadem sunt principia ex quibus diversimode acceptis, fit et corrumpitur virtus. Et similiter est de qualibet arte. Et manifestat hoc primo in artibus, quia ex hoc quod cytharizant aliquantulum homines fiunt et boni et mali cytharistae, si proportionaliter accipiatur. Et eadem ratio est de aedificatoribus et de omnibus aliis artificibus, quia ex hoc quod frequenter bene aedificant fiunt boni aedificatores, et ex male aedificando mali. Et si hoc non esset verum, non indigerent homines ad addiscendum huiusmodi artes aliquo docente qui dirigeret eorum actiones, sed omnes, qualitercumque operarentur, fierent vel boni vel mali artifices. Et sicut se habet in artibus, ita se habet in virtutibus.

9.–Qui enim in commutationibus quae sunt ad homines bene operantur, fiunt iusti, qui autem male, iniusti; et similiter qui operantur in periculis et assuescunt timere vel confidere, si hoc bene faciunt fiunt fortes; si autem male, timidi. Et ita est etiam de temperantia et mansuetudine circa concupiscentias et iras. Et

Com efeito, não vemos ou ouvimos muitas vezes, porque usamos o sentido da visão ou o da audição. Mas o contrário, porque temos estes sentidos, começamos a utilizá-los, e não porque os utilizamos se fez que os tivéssemos. Mas agindo segundo a virtude, adquirimos as virtudes, como também acontece nas artes operativas, nas quais os homens, fazendo, aprendem as coisas que são necessárias a eles fazerem, depois que aprenderam, como os construtores, edificando, e os citaristas, tocando a cítara. E, de modo semelhante, realizando ações justas, ou temperantes, ou fortes, se tornam homens justos, temperantes e fortes. Logo, este tipo de virtude não está em nós por natureza.

7.–Depois, quando diz: ‘Confirma-se, porém’ etc., manifesta o que dissera por um exemplo. E diz o mesmo pelo que foi dito, que, operando, chegamos a ser virtuosos, como se confirma no que ocorre nas cidades. E isso porque os legisladores habitam os homens, por meio das leis, prêmios e penas para as ações da virtude, e fazem o mesmo para as ações dos vícios. A isso deve tender a intenção de qualquer legislador, mas, por outro lado, os que não fazem isso bem erram na legislação. E, de fato, o seu governo difere de um governo reto segundo a diferença do bom e do mau.

8.–Depois, quando diz: ‘Ademais, da mesma’ etc., mostra que, pelas operações, se corrumpem a virtude. E primeiro mostra o propósito. Segundo, infere certo corolário, pelo dito, quando diz: ‘Razão pela qual é preciso’ etc. Diz, logo, primeiro, que são os mesmos os princípios a partir dos quais, tomados de diversos modos, se fazem e se corrompem a virtude. E, de modo semelhante, ocorre em qualquer arte. E manifesta isso, primeiro, nos artistas, porque, tocando cítara, de alguma maneira, os homens fazem bons e maus citaristas, se se toma proporcionalmente. E a mesma razão se dá nos construtores e em todos os outros artifices, porque ao edificar bem, com frequência, se chega a ser um bom construtor e, mau, por edificar mal. E se isso não fosse verdadeiro, os homens não necessitariam de nenhum mestre que dirigisse as suas ações para aprender esse tipo de arte, mas todos, seja qual for o modo de operar, se tornariam bons ou maus artifices. E como ocorre nas artes, assim também ocorre nas virtudes.

9.–Com efeito, aqueles que operam bem nas trocas que realizam entre os homens chegam a ser justos e os que, porém, operam mal, injustos. E, de modo semelhante, os que operam em situações de perigo e se habitam a temer ou confiar, chegam a se fazer corajosos, se agem bem, mas se agem mal, são

universaliter, ut uno sermone dicatur, ex similibus operationibus fiunt similes habitus.

10.—Deinde cum dicit: ‘propter quod oportet’ etc., concludit ex praemissis quod oportet studium adhibere quales operationes aliquis faciat; quia secundum harum differentiam sequuntur differentiae habituum. Et ideo ulterius concludit quod non parum differt, quod aliquis statim a iuventute assuescat vel bene vel male operari; sed multum differt; quin potius totum ex hoc dependet. Nam ea quae nobis a pueritia imprimuntur, firmiter retinemus.

tímidos. E, também, é assim para a temperança e a mansidão, acerca da concupiscência e da ira. E, universalmente, digamos de uma vez, a partir de operações semelhantes se fazem hábitos semelhantes.

10.—Depois, quando diz: ‘Razão pela qual é preciso praticar certas ações’ etc., conclui pelo dito que é necessário aplicarmos a considerar quais operações cada um faz, porque segundo a sua diferença se segue as diferenças dos hábitos. E, por isso, conclui por último, que não difere pouco que alguém constantemente, desde a juventude, se acostume a atuar bem ou mal, mas difere muito, antes, inclusive, tudo depende disso. De fato, conservamos mais firmemente essas coisas que estão impressas em nós desde a mocidade.